

## Contando com o vôo da galinha

Rogério L. Furquim Werneck\*

No debate econômico dos últimos anos, a expressão vôo de galinha tem sido usada com frequência para designar retomadas de nível de atividade de curta duração que, por razões diversas, não se sustentam. Virou frase cifrada para denotar ceticismo sobre as possibilidades de crescimento mais duradouro da economia. E tem sido brandida com muito menos cuidado do que seria recomendável. Há menos de um ano, por exemplo, não faltou quem apressadamente rotulasse de vôo de galinha a recuperação que teve início em 2003 e ganhou força no primeiro semestre de 2004. É isso que levou Affonso Pastore a afirmar, em tom de desabafo, em entrevista publicada no *Valor* há poucas semanas, que o vigoroso crescimento da economia brasileira afinal observado em 2004 havia feito “os defensores da síndrome do vôo da galinha enfiarem a viola no saco”. Ledo engano. Tudo indica que vão continuar batendo na mesma tecla.

Nada garante, claro, que a recuperação de 2004 vá dar lugar a um processo de crescimento mais prolongado. Embora as condições sejam favoráveis, não resta dúvida de que há muito a se discutir sobre as dificuldades que podem estar envolvidas. O problema, no entanto é que, no debate a esse respeito, tem sido difícil separar o que é análise do que é simplesmente torcida. A verdade é que há analistas que deixam claramente transparecer que torcem por um crescimento pífio do PIB em 2005, que ainda possa fazer com que recuperação de 2004 seja afinal considerada mero vôo de galinha.

É claro que parte dessa torcida tem simplesmente inspiração política. Mas isso, por deplorável que possa ser, não chega a ser surpreendente. É trivial. O que merece mais atenção é outro tipo de inspiração, que parece nutrida pela esperança de que um desempenho menos convincente da atual política econômica possa resgatar do descrédito idéias e análises que nos últimos anos se revelaram totalmente equivocadas. Quem vaticinou que a insistência na política econômica do governo anterior seria desastrosa, que o crescimento era inviável, que a recuperação de 2004 não passava de distorção nos dados do PIB, agarra-se agora, como última esperança, à idéia de que a recuperação de 2004 possa não se sustentar. Velada ou ostensivamente, conta com o vôo da galinha.

No debate sobre a questão, a evidência de que se passou da análise à torcida nem sempre é inequívoca. Mas, às vezes, surge com bastante nitidez. No esforço de mostrar que ainda há esperança de que 2004 não tenha sido mais do que um vôo de galinha, há quem acabe apelando para argumentos que simplesmente não passam pelo critério

elementar da razoabilidade. A última novidade nessa linha chega a ser espantosa. O que agora se alega é que o crescimento de 2004 está sendo mistificado. Que, na verdade, não deve ser visto como sinal de sucesso da política econômica, mas, sim, como medida de seu insucesso, já que os responsáveis pela condução da política econômica de fato estavam pretendendo seguir política macroeconômica contracionista. É argumento que nem mesmo o lobo de Esopo e La Fontaine teria coragem de usar.

Para ter em mente as reais proporções do despropósito, vale a pena lembrar com algum detalhe fatos recentes mais do que sabidos. Entre maio de 2003 e abril de 2004, o Banco Central reduziu a taxa Selic de 26,5% para 16%. Uma queda de nada menos do que 10,5 pontos percentuais em 11 meses. A taxa de 16% foi mantida até agosto de 2004. Só a partir de setembro, a Selic voltou a subir, terminando o ano em 17,75%. É difícil, portanto, que alguém, em sã consciência, possa classificar 2004 como um ano no qual as autoridades pretendiam impor política macroeconômica contracionista. Se a política monetária voltou a ser apertada a partir de setembro, tendo em vista o comportamento da inflação, isso é outra história, com desdobramentos muito mais relevantes para 2005 do que para 2004. Que em nada impede que as autoridades responsáveis pela condução da política macroeconômica comemorem com toda a razão o crescimento do PIB observado no ano passado.

O argumento deixa também transparecer percepção completamente equivocada do papel da política monetária. Parece pressupor que política monetária contracionista deve estar sempre associada a crescimento abortado. Trata-se de equívoco que equivale a imaginar que, numa estrada, sempre que o motorista toca o freio é porque pretende parar no acostamento. Já é tempo do debate econômico ficar menos primitivo.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.